

583

Um emprêgo para o «Bazooka»

Pelo Major R. W. Schmelz de A. de Campanha (Traduzido, do The Field Artillery Journal de Novembro de 1943, pelo Ten Cel. Armando Vasconcelos).

Uma sugestiva distribuição dos bazookas pelas Baterias de tiro pôde ser a seguinte: Um para cada obus ou seção de canhões; um para a 5.^a seção, um para a seção de linhas (telefônica) e 2 para a seção de manutenção (um no carro motor e outro no caminhão de cozinha).

Na Bateria de Comando, um estaria bem em cada um dos seguintes elementos: no Caminhão C. T. (Central de Tiro), seção de observação; no caminhão do Posto de Comando (C. P.); em cada caminhão de linhas telefônicas e de rádio; no caminhão das guarnições; no caminhão de suprimentos do Batalhão; em cada seção do trem de munições; no caminhão cozinha da bateria; caminhão suprimentos da bateria; caminhão de suprimentos de motor do grupo e caminhão de manutenção de motores do grupo. Não quer dizer que esta distribuição satisfaça a toda situação, mas o emprêgo tático do «bazooka» que vamos discutir, basea-se nesta distribuição.

A artilharia necessita proteger-se contra um ataque de tanques durante os 3 períodos gerais: em reunião (ou bivaque), em marcha e em posição.

Cada um desses períodos deve ser considerado separadamente.

Quando estacionados (Bivaques ou reunião).

Estamos todos muito familiarizados com as necessárias precauções a tomar em uma reunião ou bivaque — sentinela de alarme, patrulhas, a própria pontaria ds armas orgânicas, etc.

Como vamos empregar o "bazooka" ?

Se todo o Batalhão (grupo) estiver numa área, as defesas devem ser coordenadas e cada bateria receberá um setor a defender.

A fig. 1 representa como se daria a defesa coordenada da área ocupada pelo grupo em terreno descoberto ou no deserto.

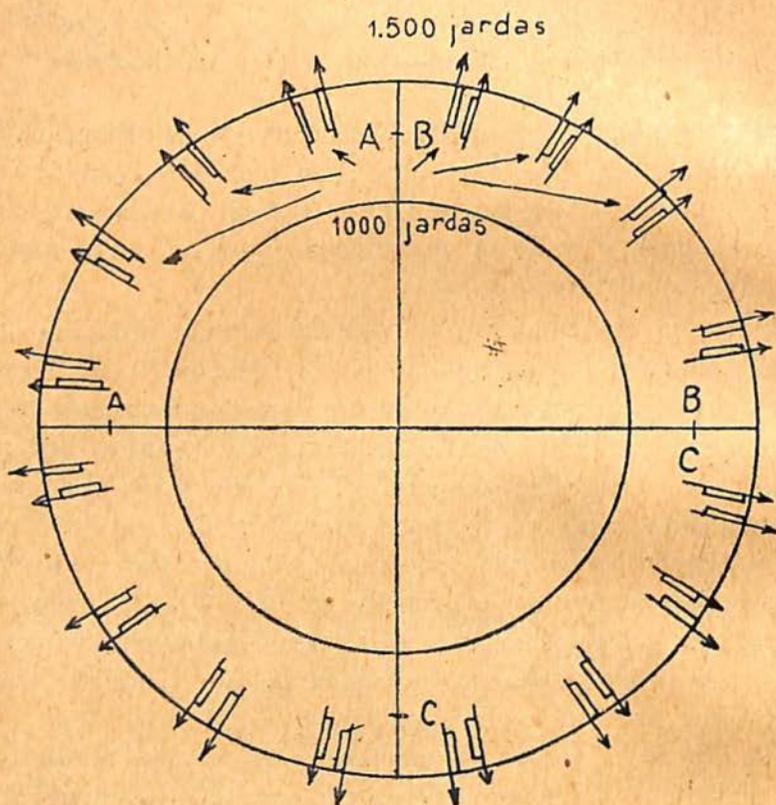


Fig. 1

A figura mostra somente os lança-foguetes (rojões) no perímetro da defesa.

Ela constitue, simplesmente, um diagrama não reportado ao terreno.

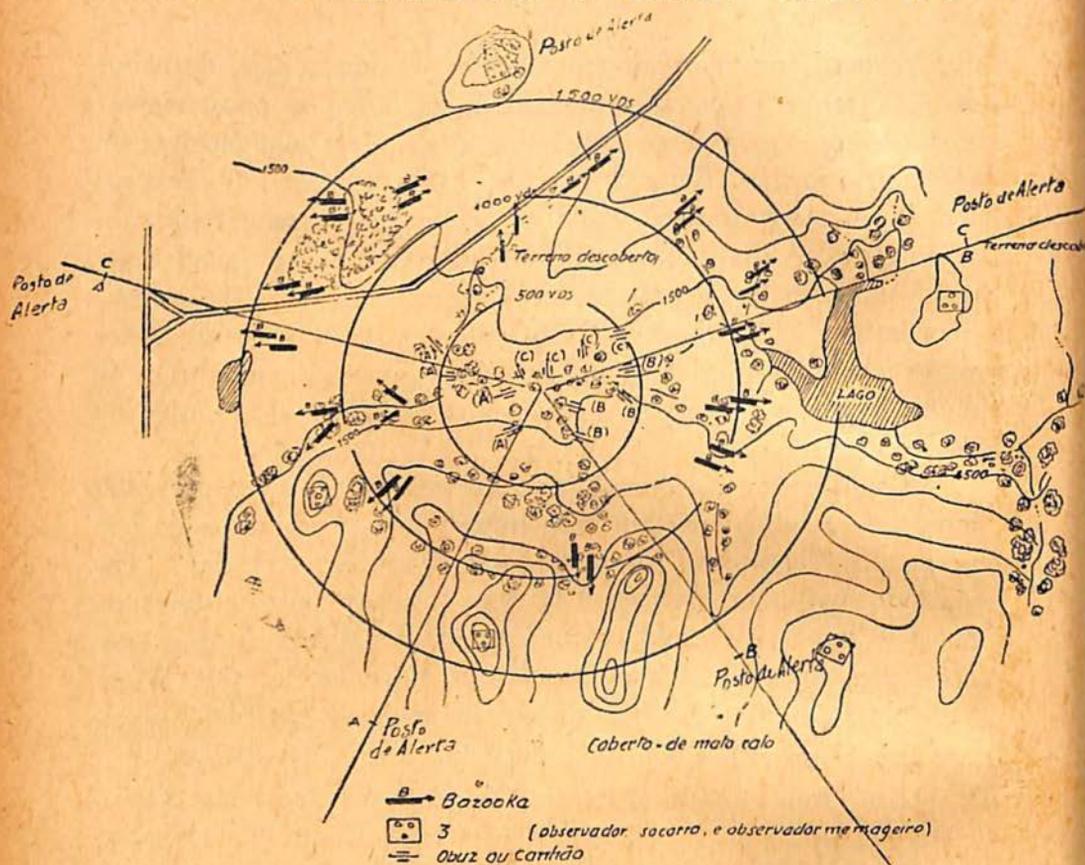
A área é dividida internamente em 4 setores mais ou menos iguais — um atribuído a cada bateria. Coloca-se os rojões aproximadamente a 1.000 jardas do centro da área do biva-

que, haverá um intervalo entre cada par de rojões, de cerca de 400 jardas, o que lhes permitirá apoiarem-se mutuamente, ficando escalonados em profundidade aproximadamente de 100 a 150 jardas. Em cada par de rojões, ter-se-á um dêles colocado à retaguarda entre 30 ou 50 jardas sobre o flanco do rojão testa. A distância de 1.000 jardas pois, é possível organizar um bom perímetro de defesa com $4/5$ dos "bazookas" distribuídos à Artilharia. Os 8 restantes da Bateria do Q. G. serão reservados à defesa interna, 3 dos quais (com o trem de munições) não devem ser empregados nas áreas de reunião ou de bivaque.

Os diagramas esquemáticos, do genero do que apresentamos, talvez não permitam responder todas as questões de emprego dos "bazookas" de uma dada situação particular. Em vista de que cada situação e terreno variam profundamente, torna-se impossível indicar por êsse modo algumas de suas possíveis variações. Sem embargo, daremos na fig. 2 um exemplo particular da área de um bivaque em que os "bazookas" são empregados em face de determinada situação.

Esta área foi dividida em 4 setores desiguais em tamanho. A Bateria do Q. G. coube o setor mais estreito da íngreme colina, terreno quasi montanhoso. Julgando somente como terreno de proteção contra tanques, parece que isto está errado porque o extenso setor de colina coberta seria atribuído a uma bateria ao passo que o estreito setor de terreno livre ficaria com a outra bateria. Com relação a posição de alerta dos tanques, considerada isoladamente, isto estaria certo. Mas se considerarmos os outros fatores da segurança local, particularmente contra as guerrilhas e as tropas de infiltração, torna-se claro que apenas um setor estreito e íngreme, de tipo movimentado de terreno, foi atribuído a uma bateria ativa.

Não nos esqueçamos, porem de que o *tanque constitue apenas uma das ameaças* à posição de Artilharia e que o "bazooka" *corresponde a apenas uma das armas* da bateria. Assim pois, todas as armas devem ser empregadas afim de que nos possamos guardar contra *todas* as ameaças possíveis.



Solucionando êsse problema, os 14 lançadores de foguetes (bazookas) receberam áreas dentro do setor atribuído à "bateria de Comando. De fato, orgânicamente, não ha tantos "bazookas" naquela bateria, mas a Bateria do Q. G. empregou apenas 2 em seu setor, a bateria A-8 e a bateria B-6. A bateria do Q.G. forneceu 8 (com o pessoal) à Bateria C e 2 à bateria A. Isto feito, o total de 16 para a bateria C, permitiu que cada bateria mantivesse em reserva 2 lançadores (salvo a Bateria do Q.G. que tem 4) para completar sua defesa. Três daqueles, a disposição da Bateria do Q.G., ficarão com o trem de munição o que pode ou não estar na área do bivaque.

Note-se que êstes lançadores estão aproximadamente a 1000 jardas do centro da área do bivaque, exceto os que se acham voltados para NW que se fastam a 1500 jardas.

O tanque que mais provavelmente se aproximará dos pares de lançadores não estará a mais do que 400 jardas deles e, nas melhores condições, os encontrará escalonados em profundidade. Com relação às montanhas, do setor atribuído a bateria do Q.G., somente 2 lançadores estão revelados. Esta área é tão coberta que é extremamente duvidoso que qualquer tanque possa explorar este terreno. Seria extremamente insensato, entretanto, não colocar os lançadores nesta área (*).

O "bazooka", pois, é uma arma de defesa estática. Entretanto, isto não significa que o atirador tome seu lançador, saia e cave uma seteira na trincheira ou abrigo individual, faça uma confortável cama, e permaneça nela. O termo defesa estática deve significar que eles não devem afastar-se de 5 — 10 — 15 milhas para observar os tanques. Os atiradores abrirão uma seteira na trincheira mas não devem sempre fixar-se nela. Em uma dada área, eles podem ficar frequentemente longe, dotados de meio tão móvel como um tanque de forma que, na ocasião propícia, utilizariam esta mobilidade. Se um ataque de tanques consegue penetrar suas defesas, eles estarão aptos a acompanhar os tanques e atacá-los pela retaguarda, onde são muito vulneráveis. Devem ser *agressivos, habituados pelo instinto a caçar* e devem, ainda, estar "*compenetrados*" de que *os tanques são vulneráveis e podem ser postos fora de ação*.

Estes princípios são absolutamente essenciais se seu batalhão está eficientemente preparado para um ataque de tanques. Lembrem-se constantemente de que seus planos não podem ser feitos no momento em que os tanques atacam: seus fundamentos devem ser estabelecidos antecipadamente, por ocasião do treinamento de seus homens e os planos e o SOP (?), antes da partida. Uma posição, organizada como indica a fig. 2, não é justo que surja repentinamente sobre o terreno. Não se deve aguardar que o batalhão se desloque para a área de bivaque,

(*) — Recordemos que alguns imprevistos têm ocorrido nesta guerra, em que terrenos impraticáveis foram rapidamente atravessados. A propósito, evoquemos a sortida dos tanques germânicos nas Ardenes e o desdobramento por Montgomery da Linha Mareth (Editor).

para que a defesa dos bivaques contra ataque de tanques seja perfeitamente coordenada. Seja como fôr, seus homens devem ser exercitados — intervindo o comandante do Batalhão (BC), o RO (?), o Executivo e o assistente Executivo — de tal forma que, no momento em que chegam a área do bivaque, o atirador já se tenha instalado para atingir o provável tanque que se aproximar. A situação ideal consiste em fazer os estacionadores precederem o batalhão no bivaque. Nêsse caso, terão com êles uma parte dos atiradores e o pessoal necessário de cada bateria. O oficial chefe dos estacionadores faria um reconhecimento do terreno e colocaria estes homens, onde puderem produzir o máximo rendimento na portecção contra os tanques, das unidades que se deslocam para a área do bivaque. Êles estariam então, aptos a sugerir ao Executivo um plano de defesa coordenada para o batalhão e facilitaria o complemento desta defesa.

Um SOP é essencial para o plano de trabalho da defesa. E' compreensível que o SOP não corresponderá a todas as situações e terrenos mas, si o SOP for estabelecido e pratica, no minimo alguma defesa será iniciada; êle pode então ser mudado para se adaptar ao terreno e a situação existente. Deve ser reconhecido que este esboço feito, não basta para exhibir a completa organização do batalhão para a defesa.

Patrulhas e destacamentos de segurança locais não têm sido indicadas nem tem sido consideradas as metralhadoras.

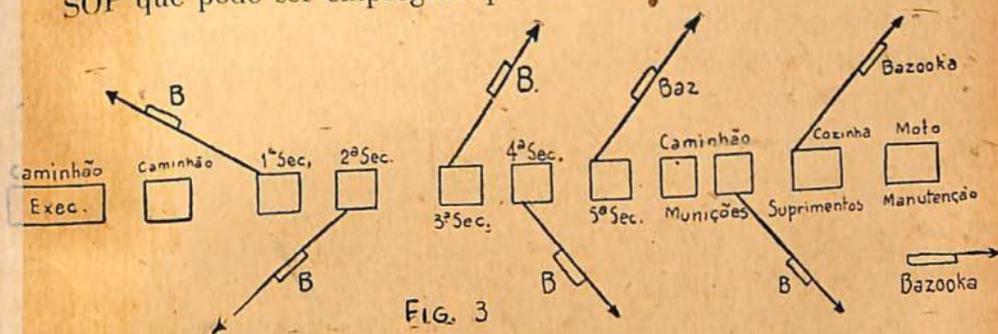
As únicas instalações reveladas são as dos "bazookas", as sentinelas de alarme e a posição das armas orgânicas.

QUANDO EM MARCHA

A vigilância e a rapidez devem constituir a chave da proteção da artilharia em movimento. Estas qualidades só podem ser conseguidas, graças a um prévio planejamento e treinamento. Ambas aquelas condições são essenciais e devem ser procuradas constantemente e de modo integral pelo exercício.

O "bazooka" pode atirar de cima de um veículo, embora não seja aconselhavel. A 1.^a objeção é quanto ao perigo para

o pessoal e o equipamento para as armas que desprendam fumo negro. A segunda objeção (e realmente primária) é que os atiradores de "bazooka" estão aptos a montar o veículo por salto. Isso porem não deve ocorrer. O "bazooka" é uma arma de emboscada, do mesmo modo que praticamente o são as armas anti-tanques. Entretanto, essa circunstância não significa que eles não se assustem e aguardem os tanques para enfrentá-los. A melhor defesa é ainda uma boa ofensiva. Os atiradores de "bazooka" devem saltar dos caminhões e procurar a melhor posição de onde destruirão os tanques. Devem para isso, ter a cautela de atacar os tanques dentro da área que lhes for designada. Seja como for, um plano preestabelecido é essencial. Baseado no carregamento referido acima, a figura 3 indica um SOP que pode ser empregado por uma bateria em marcha.



Tão pronto seja dado o sinal de alerta contra tanque, os lançadores saltam dos caminhões e se preparam para caça-lo como está indicado no esboço acima. Eles se afastarão para tão longe quanto o tempo lhes permita, conservando-se em alerta sobre os tanques. Evidentemente, esta disposição não corresponde ao perímetro de defesa, mas torna-se apta a realizá-lo.

Os lançadores normalmente não vão a mais do que 200 — 300 jardas da coluna e, usualmente, não têm tempo para chegar tão longe, si os tanques atacarem. Cada homem deve ser exercitado sobre *que* faria e como chegar até onde deve ir. Para isso, é indispensável que seja dada a cada homem uma direção bem definida. Não importa que os homens da 1.ª Seção corram para a direita ou esquerda da frente, como tam-

bem em relação aos demais homens, entretanto, o SOP deve dar, no mínimo, o perímetro parcial da defesa. Aos homens em treinamento não deve ser permitido sentar-se nos caminhões quando chega o alerta do tanque: si êles se habituem a fazê-lo no exercício, certamente o farão na batalha e seu armamento acaba por tornar-se inutil. Devem ser treinados com espírito agressivo, para seguirem os tanques. Devem tomar a ofensiva quando os tanques atacarem e, então, estarão aptos a por fora de ação um número suficiente de tanques de modo que o ataque possa virtualmente ser limitado.

QUANDO EM POSIÇÃO — (grande finalidade)

Quando uma bateria chega a uma posição, torna-se particularmente vulneravel ao ataque de tanques, de forma que todas as precauções devem ser tomadas para protegê-la, nessa emergência.

Numerosos processos podem ser adotados nesse sentido. Tomaremos um deles para representa-lo na Fig. 4.

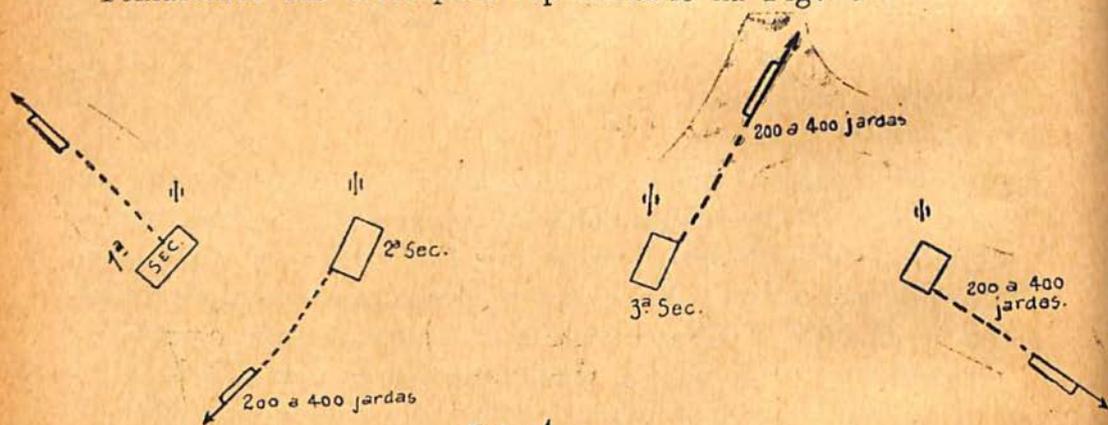


FIG. 4

Tão logo os veículos diminuem a marcha, cada lançador (mas sómente os homens designados para lançar o rojão) corre nas direções indicadas. Não importa em que direção um dado homem corra, para guia-los ha um SOP que indicará a cada homem a direção definitiva a seguir.

São conduzidos 4 foguetes M-1, sendo 3 na sacóla e um com o rcjão. Ha 2 missões neste instante: primeiramente no lance a fazer procura fornecer a melhor proteção possível à bateria que entra na posição e, em segundo lugar, realiza um reconhecimento. Reconheceria uma área de 200 a 400 jardas da bateria e cerca de 100 a 200 jardas para ambos os lados da direção em que ela se movimenta. Este reconhecimento do terreno é vital.

Conquanto o quadro de organização (T.O.) não preveja na bateria homens incluídos como lançadores, deve-se encarar que os meios homens, utilizáveis como serventes no bazooka, serão os artilheiros da seção de obuzes. Nessas condições, eles terão essa dupla tarefa, mas devem retornar às suas primitivas funções tão logo a bateria entre em posição.

Depois de reconhecer sua área, cada lançador fica melhor preparado para inutilizar os tanques, quando o alarme de ataque soar.

Quando o ataque se manifestar, eles tomarão seus rojões carregados e mais três foguetes e com seus auxiliares (conduzindo 8 foguetes na sacola M-2) correrão para as posições previamente escolhidas, as quais constituirão o perímetro de defesa da posição da bateria. As razões que limitam o reconhecimento a 200 — 400 jardas são ditadas pelo curto tempo que normalmente, os lançadores terão útil para atingir a posição de lançamento, antes da chegada dos tanques. Durante os períodos de calma e quando possam estar disponíveis, deslocar-se-ão para a área que lhes foi designada, afim de a reconhecerem mais para frente e construir abrigos individuais ou seteiras nas trincheiras. Este reconhecimento poder-se-ia estender aproximadamente a 800 e 1000 jardas da bateria. Sempre que praticável, devem transportar seus lançadores para as respectivas áreas, antes mesmo que a posição da bateria seja ocupada — mas nunca permitir que eles se aferrem a seus abrigos (covas de raposa). Eles devem tirar grande partido do terreno e deslocarem-se logo que possam atacar o tanque. Si esses homens não estiverem treinados para se tornarem agres-

sivos e compreenderem que sua principal tarefa é destruir tanques, será melhor ocultá-los nos fundos das trincheiras ou nos abrigos das posições de bateria. O Tanque pode e deve ser destruído. Seus homens também conduzem consigo (ou têm guardados) alguns lança-granadas, "cock-tails" de Molotov e granadas de mão.

Nunca se servem de uma só arma para destruir o inimigo. Esquadras de caçadores também são formadas para aniquilar as guarnições dos tanques imobilizados. Embora as operações de salvamento possam intervir rapidamente, o tanque deve ser destruído antes que o inimigo possa recolhê-lo.

Somente pela completa e integral destruição do pessoal e material inimigos é que a vitória pode ser conseguida.

Alertae-os nos seus exercícios e exercitae-os nos campos de batalha.

A Fig. 4 mostra apenas 4 lançadores de rojões empregados pela bateria.

Os que se encontram distribuídos ao caminhão de cozinha e ao caminhão motor seriam, nas melhores condições, mandados para o parque de caminhões (coluna de caminhões) para sua proteção contra ataques.

O 1.º Sgt. utiliza-los-á para proporcionar a melhor proteção possível. Si o parque de caminhões do grupo é constituído, os lançadores de todas as baterias que se acharem nos caminhões-parque serão utilizados para obter uma defesa coordenada, tal como a prescrita para as reuniões ou bivaques.

O lançador a disposição da 5.ª seção, estacionará normalmente com esta seção para fornecer-lhe proteção, durante o transporte de munição. Quando a 5.ª Seção está no parque de automoveis, seus lançadores serão empregados para fornecer uma proteção adicional ao seu parque de caminhões ou as posições dos obuzes. Normalmente, o lançador não será retirado da 5.ª Seção e conserva-se na posição de bateria — será sempre útil a esta seção para sua proteção sobre rodas.

Os lançadores da seção telefônica (fios) estariam com ela. Tão logo as transmissões estejam concluídas o Executivo

da Bateria poderá utilizar êsses lançadores para prolongar as defesas da posição de bateria.

O setor atribuído a êsses rojões depende da situação e do terreno. O SOP mostrado na fig. 4 poderia ser utilizado em todas as situações e todos os terrenos (salvo um obstáculo natural na retaguarda da bateria em que preventivamente se dispõe rojões naquela direção). Isto redundará em uma proteção imediata e agressiva contra tanques. Si o tempo permitir e o Executivo puder organizar melhor a posição, ele reajustará os setores para melhorar sua proteção. Sugere-se que os seguintes homens sejam designados na bateria de obuzes como lançadores: os artilheiros 5 e 7 na seção; o operador do caminhão telefônico (Wire Truck Operator) 5 e 7; na 5.^a Seção o chefe (basic) e o servente das munições; no caminhão de cozinha o chefe (basic) e o auxiliar do cozinheiro; e no auto-caminhão, o chefe (basic) e o mecânico de automovel. Deve ser lembrado, contudo, que todo pessoal de bateria deve ser treinado no emprego dessa arma.

Os homens da bateria do comando, sugeridos por escala para atuar no rojão são os seguintes :

Caminhão de direção de tiro — Sgt. calculador e Sgt. de operações;

Caminhão do Posto de Comando — Operador 2 do caminhão de fios e amanuense;

Caminhão telefônico 1 — Operadores de fio 11 e 13;

Caminhão telefônico 2 — Operadores de fio 12 e 14;

Caminhão rádio 1 — Chefe (basic) e operador rádio 4;

Caminhão rádio 2 — Chefes (basics) 2;

Caminhão das guarnições terrestres — Mecânico de avião e auxiliares das guarnições de terra;

Caminhão de Observação (survey) — 2 — Chefes (basic) 2;

Caminhão de Suprimentos do Btl. — Chefes (basics) 2;

Caminhão da Bateria de suprimentos — Chefes (basics) 2;

Caminhão de cozinha de bateria — 2 auxiliares de cozinheiro;

Caminhão de Suprimentos de autos do Btl. — Mecânicos de automovel e soldados;

Trem de munições — Serventes das munições e chefe (basico) de cada seção.

Sugere-se uma distribuição na Bateria do Comando de 8 lançadores no escalão avançado, 5 no escalão recuado e 3 no trem de munições. Ha tão diferentes situações para a localização dos PC que é difícil sugerir um SOP para sua proteção inicial. O assistente do S-3 parece ser logicamente o oficial do Estado Maior indicado para coordenar a proteção contra tanque e cabe-lhe designar, tão logo quanto possível, os setores para os rojões. O Sgt. (sgt. maior) ajudante fará o reconhecimento preliminar, determina as estradas mais prováveis a aproximação dos tanques e informa o assistente do S-3 de suas investigações tão logo chegue na área do PC.

O ajudante do Pessoal do Batalhão é logicamente o homem indicado para se incumbir da coordenação da defesa contra tanque no escalão retaguarda; seu plano obedeceria o processo indicado para a proteção da zona de reunião ou de bivaque.

Seja como fôr, empregamos o bazooka para obter o máximo de eficiência do armamento, mas ela depende inteiramente da agressividade dos oficiais e soldados da artilharia. Está comprovado que o bazooka constitue uma arma eficiente contra tanques. Os russos o têm empregado, mas até agora nenhum relatório foi recebido quanto seus resultados; êles desejam maior quantidade dessas armas, todavia, condição que provavelmente corresponde a sua plena satisfação.

Seja qual fôr a arena, seu uso e emprêgo deve ser planejado com muita antecedência, antes do aparecimento dos tanques. A presteza e rapidez são os requisitos necessários ao combate de tanques, mas êles só podem ser conseguidos mediante um prévio planejamento e apurado exercício.